



## Boletim de Conjuntura Econômica

Boletim n 75, Outubro, 2018

### Hugo Agudelo Murillo

*Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenador da equipe do Setor Externo e Comércio Exterior do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.*

[hamurillo@uem.br](mailto:hamurillo@uem.br)

### André de Souza do Nascimento \*

[andresounas@gmail.com](mailto:andresounas@gmail.com)

### Augusto Ribeiro da Silva\*

[ra116326@uem.br](mailto:ra116326@uem.br)

### Carolina dos Santos Ferreira\*

[ra107747@uem.br](mailto:ra107747@uem.br)

### Fabio Barros \*

[fabio.gpconnect@gmail.com](mailto:fabio.gpconnect@gmail.com)

### Lucas Traina Koga\*

[ra103409@uem.br](mailto:ra103409@uem.br)

### Simone Ferreira de Matos\*

[simones\\_dede@hotmail.com](mailto:simones_dede@hotmail.com)

### Vanderlei Vieira M. da Silva\*

[vanderlei.vmsilva@outlook.com](mailto:vanderlei.vmsilva@outlook.com)

\*Acadêmicos do curso de ciências econômicas da Universidade Estadual de Maringá – UEM e participantes da equipe de Setor Externo e Comércio Exterior do projeto Conjuntura Econômica Brasileira: Divulgação de Análises.

Universidade Estadual de Maringá - UEM  
Correspondência/Contato

Av. Colombo, 5.790 – Bloco: C-34 – Sala 11  
Jd. Universitário - Maringá - Paraná - Brasil  
CEP 87020-900

## Análise III Trimestre 2018

### RESUMO

Avaliar o comportamento do setor externo é fundamental para entender a dinâmica do crescimento de economias em desenvolvimento, ancoradas basicamente no desempenho do seu setor exportador e na captação de poupança externa. A maior inserção externa da economia brasileira decorrente do processo de globalização e dos programas de ajuste estrutural iniciados na década de noventa, permitiram reduzir a restrição ao crescimento determinados pela vulnerabilidade externa, ao mesmo tempo em que aumentava o grau de exposição ao contágio externo.

**Palavras-chave:** Balanço de pagamentos; taxa de câmbio; Mercosul; reservas, parceiros comerciais.

### ABSTRACT

To evaluate the behavior of the external sector is fundamental to understanding the dynamics of the growth of developing economies, anchored essentially on the performance of its export sector and attracting foreign savings. Most external insertion of the Brazilian economy due to the process of globalization and structural adjustment programs started in the nineties, have reduced growth restriction determined by external vulnerability, while it increased the degree of exposure to external contagion.

**Keywords:** Balance of payments; exchange rate; Mercosul; official reserves Brazil's commercial partners.

## 3.1 BALANÇO DE PAGAMENTOS

## 3.1.1 Transações Correntes

A balança comercial brasileira no terceiro trimestre de 2018 apresentou um superávit de US\$ 10,8 bilhões. Saldo menor do que o valor apresentado no terceiro trimestre de 2017. Essa diminuição pode ser explicada pelas importações que aumentaram 29,6% entre o terceiro trimestre de 2017 e de 2018, e esse aumento teve influência do pequeno aumento do PIB nacional no terceiro trimestre de 2018 e também na compra externa de produtos de consumo, bens de capital, porém não sinalizando um aumento de investimentos no país.

No terceiro trimestre de 2017 as importações aumentaram de US\$ 40,4 bilhões, para US\$ 52,4 bilhões no terceiro trimestre de 2018, e dentro desse período as maiores importações foram de materiais de transporte que incorpora embarcações e estruturas flutuantes vindos da China com saldo de US\$ 3,68 bilhões, sendo que no terceiro trimestre de 2017 o maior volume de importações foi de petróleo e materiais relacionados somando um total de US\$ 1,35 bilhão provenientes dos Estados Unidos.

Em análise das exportações, no terceiro trimestre de 2018 os produtos industrializados foram responsáveis por 63,8% do total das exportações, seguido pelos combustíveis e lubrificantes com 14,1%. Entretanto no primeiro trimestre de 2017 os bens intermediários foram responsáveis por 66,7% das exportações e os bens de consumo com 16,8% do total das exportações naquele período. Os bens de consumo recuaram -1,09% entre o terceiro trimestre de 2018 em relação ao mesmo período de 2017, os bens de capital tiveram variação de 30,1% entre o terceiro trimestre de 2018 em relação ao mesmo período de 2017.

Tabela 3.1 - Desempenho das exportações por categoria de uso

	III 18 (%)	III 17 (%)	Variação (%)
Bens de capital	9,2	8,2	30,1
Bens de consumo	12,8	16,8	-1,09
Bens Intermediários	63,8	66,7	11,8
Combustíveis e lubrificantes	14,1	8,05	1,05

Fonte: Mdic/Secex

No terceiro trimestre de 2018, o principal fluxo comercial brasileiro foi com a Ásia com variação de 41,1% entre o primeiro trimestre 2018 em relação ao mesmo período no ano de 2017, saindo de

US\$ 17,3 bilhões no terceiro trimestre de 2017 para US\$24,4 bilhões no terceiro trimestre de 2018.

O saldo das exportações também aumentou em 11,6% no terceiro trimestre de 2018 em relação ao terceiro trimestre de 2017. O principal país de destino foi a China que no terceiro trimestre de 2018 totalizou um saldo de US\$ 16,5 bilhões e no mesmo período de 2017 o saldo foi US\$ 9,3 bilhões, uma variação positiva de 76,4%. As exportações para os Estados Unidos aumentaram em 16,34% e totalizaram no terceiro trimestre de 2018 um saldo de US\$ 8 bilhões, enquanto no mesmo período de 2017 o saldo foi de US\$ 6,9 bilhões.

As exportações para Argentina reduziram em 44% entre o primeiro trimestre 2018 em relação ao primeiro trimestre de 2017, visto que no primeiro trimestre de 2018 obteve um saldo de US\$ 2,6 bilhões enquanto no terceiro trimestre de 2017 o saldo das exportações para Argentina foi de US\$ 4,7 bilhões.



Gráfico 3.1 – Participação percentual dos principais parceiros nas exportações.

FONTE: MDIC/ COMEXSTATS – Elaboração Própria

As importações brasileiras totalizaram no terceiro trimestre de 2018 US\$ 52,4 bilhões. Houve um aumento da variação de 29,7% em relação ao primeiro trimestre de 2017 que registrou saldo de US\$ 40,4 bilhões.

As importações brasileiras por categoria de uso se concentraram sobre os bens intermediários no primeiro trimestre de 2018 com participação de 57% das importações, do mesmo modo o primeiro trimestre de 2017 os bens intermediários também foram os mais importados com 59,7%, porém a variação foi positiva em 11,2%.

O maior recuo foi sobre as importações de bens de consumo com queda de 3,9%, onde o primeiro trimestre de 2018 registrou 13,3% das importações, enquanto no terceiro trimestre de 2017 a registrou 16,1% do total das importações.

Os bens de capital tiveram aumento de 62,2% entre o primeiro trimestre de 2018 em relação ao mesmo período de 2017, enquanto os combustí-

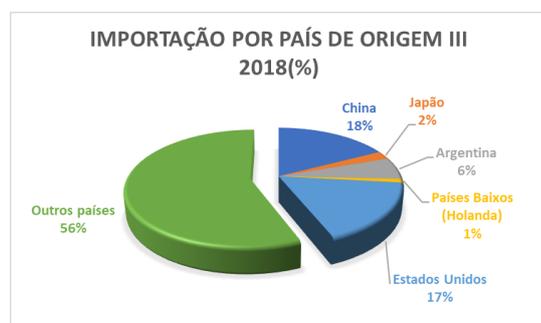
veis e lubrificantes registraram 13,6% das importações no terceiro semestre de 2018 e no mesmo período de 2017 foi registrado 12,6% das importações e um aumento da variação de 25,3%.

**Tabela 3.2 - Desempenho das importações por categorias de uso III 2018-III 2017**

	III 18 (%)	III 17 (%)	Variação (%)
Bens de capital	15,8	11,3	62,2
Bens de consumo	13,3	16,1	-3,9
Bens Intermediários	57	59,7	11,2
Combustíveis e lubrificantes	13,6	12,6	25,3

Fonte: MDIC/ Secex – elaboração própria.

As compras Brasileiras do Mercosul variaram positivamente no primeiro trimestre de 2018 em relação ao mesmo período de 2017 em 12,5% saindo de US\$ 3,1 bilhões no terceiro trimestre de 2017, para US\$ 3,4 bilhões em 2018, com à União Europeia o recuo foi de -2,5%, enquanto as compras do continente asiático aumentaram 3,6%, e as do Nafta 21,2% no mesmo período.



**Gráfico 3.2 – Participação percentual dos principais parceiros nas importações.**

FONTE: MDIC/ COMEXSTATS – Elaboração Própria

A conta de serviços e renda fechou o terceiro trimestre de 2018 com um déficit de US\$ 25,4 bilhões uma variação negativa de 13,5% se comparado ao terceiro trimestre de 2017 que registou um déficit de US\$ 24,9 bilhões. A conta de serviços foi responsável por 32,3% do déficit da conta de serviços e rendas no terceiro trimestre de 2018.

O saldo da conta de serviços no terceiro trimestre de 2018 ficou deficitária em US\$ 8,2 bilhões uma queda de 6,6% em relação ao mesmo período de 2017 que registou déficit de US\$ 8,7 bilhões.

O déficit da conta de viagens internacionais foi de US\$ 3,03 bilhões no terceiro trimestre de 2018, uma variação negativa de 25% entre o mesmo período de 2017 que teve saldo deficitário de US\$

4,03 bilhões. A conta de propriedade intelectual apresentou um déficit de US\$ 1,3 bilhões no terceiro trimestre de 2018, enquanto no mesmo período de 2017 o déficit foi de US\$ 1,19 bilhões, uma queda 13,7% entre os períodos.

**Tabela 3.3 - Fluxo de comércio brasileiro por lugar de origem e destino, III 2018 / III 2017**

Parceiros Comerciais	Exportação Participação (%)		Var. Rel. das Export.	Importação Participação (%)		Var. Rel. das Import.
	III 2018	III 2017		III 2018 / 2017	III 2018	
<b>MERCOSUL</b>	6,5	11,3	-32,7	7,6	7,8	12,5
Argentina	4,2	8,9	-44	6,1	6,2	16
<b>ÁSIA</b>	39,3	32,5	41,1	30,1	33,8	3,6
China	26,5	17,6	76,4	17,3	18,7	7,2
Japão	1,7	2,8	-28,5	2,3	2,5	7,3
<b>UNIÃO EUROPEIA</b>	19,1	17,1	30,7	17,6	21,1	-2,5
Holanda	6,7	4,2	84,1	1,0	1,0	1,9
<b>NAFTA</b>	16,5	16,4	17,8	20,8	20	21,2
EUA	12,9	13	16,4	17	15,7	26,4

Fonte: MDIC/ Secex – elaboração própria.

A conta de transporte apresentou um saldo negativo no terceiro trimestre de US\$ 1,6 bilhões uma variação positiva de 6,7% em relação ao terceiro trimestre de 2017 que apresentou um déficit de US\$ 1,5 bilhões. A conta de aluguel de equipamentos teve um déficit de US\$ 3,2 bilhões no terceiro trimestre de 2018 uma queda 4,4% em relação ao mesmo período de 2017 que apresentou um saldo deficitário de US\$ 3,3 bilhões.

A conta de renda primária registrou no terceiro trimestre de 2018 um saldo deficitário de US\$ 8,3 bilhões, no terceiro trimestre de 2017 o saldo deficitário foi de US\$ 10,5 bilhões uma redução no déficit entre os períodos 20,5%.

A conta de juros diminuiu seu déficit em 29,8% saindo de US\$ 7,2 bilhões no terceiro trimestre de 2017 para US\$ 5,06 bilhões no terceiro trimestre de 2018. A conta de lucros e dividendos ficou deficitária no terceiro trimestre de 2018 em US\$ 3,35 bilhões, enquanto no mesmo períodos de 2017 o saldo deficitário foi de US\$ 3,36 bilhões, obtendo assim uma variação de -0,4% entre os períodos.

A conta de renda secundária no terceiro trimestre de 2018 registrou saldo de US\$ 5,98 milhões uma variação negativa de -11,2% em comparação com o mesmo período de 2017 que registou saldo de US\$ 6,73 milhões.

**Tabela 3.4 – Transações correntes 2018/ 2017 (US\$ milhões)**

Discriminação	III 2018	III 2017	Variação (%)
<b>Balança Comercial (FOB)</b>	10.879	16.306	-33,3
Exportações	63.353	56.776	11,6
Importações	52.474	40.470	29,7
<b>Serviços e Rendas</b>	-25.447	-29.405	-13,5
<b>Serviços</b>	-8.214	-8.796	-6,6
Aluguel de Equipamentos	-3.213	-3.362	-4,4
Transporte	-1.609	-1.508	6,7
Viagens Internacionais	-3.030	-4.038	-25
Serv. Propriedade Intelectual	-1.032	-1.196	-13,7
<b>Renda Primária</b>	-8.349	-10.505	-20,5
Juros	-5.062	-7.208	-29,8
Lucros e Dividendos	-3.352	-3.367	-0,4
<b>Renda Secundária</b>	598	673	-11,2
<b>Transações Correntes</b>	-5.086	-2.321	119,1

Fonte: Banco Central do Brasil – elaboração própria.

O déficit nas transações correntes no terceiro trimestre de 2018 foi US\$ 5,08 bilhões um aumento de 119,1% em relação ao terceiro trimestre de 2017 que registrou um déficit de US\$ 2,3 bilhões. O novo regime fiscal aduaneiro sobre os equipamentos do setor petrolífero e o aumento das importações maior que o aumento das exportações foram essenciais para o aumento do déficit das transações correntes.

### 3.1.2 Conta Capital e Financeira

No terceiro trimestre de 2018, a conta capital e financeira foi negativa em US\$ 2,93 bilhões, significando que nesse período havia mais ativos financeiros brasileiros em mãos de não-residentes do que ativos estrangeiros em poder de residentes no Brasil. Tal valor negativo representa uma variação de -492,39% em relação ao mesmo período de 2017, onde a conta capital e financeira foi positiva em US\$ 745,68 milhões.

Historicamente, a conta capital e financeira é negativa no Brasil, uma vez que os recursos dessa subconta são utilizados para cobrir os constantes déficits registrados nas transações correntes do balanço de pagamentos brasileiro. Assim, o valor positivo registrado no terceiro trimestre de 2017 é uma exceção, podendo ser explicado, principalmente, pelo grande aumento dos ativos de investimentos em carteira – 841% em relação ao mesmo período do ano anterior – pelo aumento dos ativos na subconta de derivativos, que superaram seus passivos, e ainda, por um aumento de 652% nos ativos de outros investimentos, também em relação ao mesmo período de 2016. É importante frisar que em termos anuais essa conta é constantemente negativa no balanço de pagamentos brasileiro.

**Tabela 3.5 – Conta Capital e Financeira do Brasil (US\$ Bilhões)**

Discriminação	3 Tri 2017	3 Tri 2018	Δ %
<b>Conta Capital e Financeira</b>	<b>0,746</b>	<b>-2,93</b>	<b>-492,3</b>
Capital	0,147	0,188	28,3
Financeira	0,599	-3,11	-619,8
<b>Investimento Direto</b>	<b>-11,02</b>	<b>-17,23</b>	<b>56,4</b>
IDE	5,68	7,51	32,2
Participação capital	5,63	3,72	-33,8
Op. intercompanhia	0,058	3,79	6403,1
IDP	16,70	24,74	48,2
Participação capital	12,96	14,42	11,3
Emp. intercompanhia	3,74	10,32	176,1
<b>Inv. Em Carteira</b>	<b>1,29</b>	<b>-0,440</b>	<b>-134</b>
<b>Inv. carteira - Ativo</b>	<b>7,2</b>	<b>-0,652</b>	<b>-109</b>
Inv. em ações	0,410	0,069	-83,2
Fund. investimentos	4,71	-464,78	-109,9
Títulos de dívida	2,09	-0,256	-112,2
<b>Inv. Carter - Passivo</b>	<b>5,92</b>	<b>-0,212</b>	<b>-103,6</b>
Inv. em ações	4,12	2,33	-43,6
Fund. investimento	0,220	-0,977	-543,9
Títulos de dívida	1,57	-1,56	-199,1
<b>Derivativos</b>	<b>-0,163</b>	<b>0,645</b>	<b>295</b>
<b>Outr. Investimentos</b>	<b>7,54</b>	<b>10,65</b>	<b>41,3</b>
Outros Invest. - Ativo	13,73	15,86	15,6
Outros Invest. - Passivo	6,19	5,21	-15,8
<b>Ativos de Reservas</b>	<b>2,62</b>	<b>3,26</b>	<b>24,4</b>
<b>Erros e Omissões</b>	<b>2,77</b>	<b>1,78</b>	<b>-35,7</b>

Fonte: Bacen, 2019. Elaboração Própria.

Ao contrário do que houve no terceiro trimestre de 2017, entre os meses de julho a setembro de 2018 houve uma grande redução nos investimentos em carteira de 133,98% entre os períodos. Nesse tempo, tanto os ativos quanto os passivos dessa subconta apresentaram redução, porém, os ativos caíram em maior proporção. Isso reforça a tendência de volatilidade que vem sendo observada nos investimentos de curto prazo do Brasil. Também, o período de eleições teve impacto para o aumento das incertezas no mercado.

Dentro dos ativos dos investimentos em carteira – investimentos do Brasil no exterior – houve uma considerável queda nos primeiros três meses do segundo trimestre de 2018 e o mesmo período de 2017, uma vez que no terceiro trimestre de 2018 o saldo foi negativo em US\$ 652 milhões, uma redução de 109,03% em relação ao segundo trimestre de 2017, período em que o saldo foi positivo em US\$ 7,21 bilhões.

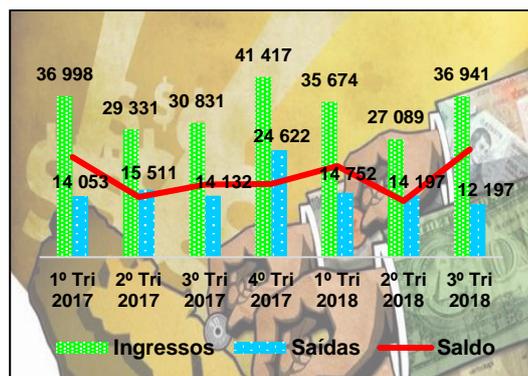
Esse movimento mostra que as receitas foram maiores que as despesas no terceiro trimestre de 2018, ou seja, houve uma entrada líquida de ca-

pital. Tal movimento pode ser explicado ainda, principalmente, pela queda de 87,82% na aquisição de títulos de dívida internacionais, rubrica com maior participação em montante de valor dentro da subconta.

Pelo lado do passivo dos investimentos em carteira – investimentos estrangeiros no Brasil – no terceiro trimestre de 2018 o saldo registrado foi negativo em US\$ 212 milhões, uma queda de 103,58% em relação ao terceiro trimestre de 2017, no qual foi registrado valor de US\$ 5,92 bilhões.

Ao contrário da conta de ativos, na conta de passivo as despesas superaram as receitas, significando que houve uma saída de capital. A grande queda no saldo do passivo de investimentos em carteira é explicado, em grande parte, pela queda de 43,59% nos investimentos em ações, mas principalmente pela queda de 199,10% nos investimentos em títulos públicos de dívida, sendo que essas duas rubricas são as mais importantes em termos de montante de valor para o passivo da subconta de investimentos em carteira.

A grande queda nos investimentos em títulos públicos de dívida evidencia a queda do diferencial entre as taxas de juros domésticas em relação à taxa de juros norte-americana e também em relação à taxa de juros de alguns países emergentes, o que faz os títulos públicos brasileiros se tornarem menos atrativos, fazendo com que a demanda por estes caia.



**Gráfico 3.3 – Fluxo de Entrada e Saída de IDP no Brasil (US\$ Milhões)**

Fonte: Bacen, 2019. Elaboração Própria.

Os investimentos diretos (ID), principal rubrica da subconta capital e financeira, em termos de montante de valor, foi a variável que mais contribuiu para o valor negativo desta. Ou seja, no terceiro trimestre de 2018, a principal fonte de financiamento do Brasil junto ao mercado externo se deu por meio dos investimentos diretos. Conforme a Tabela 3.5, entre julho e setembro de 2018 houve uma entrada líquida de US\$ 17,23 bilhões em ID's no Brasil, representando um aumento de 56,42% em relação ao mesmo período de 2017, que registrou uma entrada líquida de US\$ 11,02 bilhões. Tal aumento nos investimentos diretos é explicado, em parte, pela melhora das expectativas quanto a economia brasileira.

Embora tenha havido um aumento nos ID's, percebe-se que a entrada de investimentos, por meio dos investimentos estrangeiros no país (IDP) apresentou valor ainda maior, com aumento de 48% entre o terceiro trimestre de 2018 e o mesmo período do ano anterior. Isso mostra também que houve um aumento dos ativos brasileiros em investimentos diretos estrangeiros (IDE), de 32,21%. Esse aumento pode ser explicado pelas operações intercompanhia, que cresceram 6403% no período e também pela redução de 33,8% na participação do capital.

Conforme pode-se observar no Gráfico 3.3, após o saldo líquido de IDP's recebidos pelo Brasil ter se mantido praticamente constante no ano de 2017, houve uma maior variação para o ano de 2018. Após apresentar uma leve queda entre o primeiro e segundo trimestre de 2018 – observada pelo aumento das saídas de IDP – houve um aumento no terceiro trimestre, provocado tanto por um aumento nas entradas quanto por uma diminuição das saídas. Como o último trimestre de cada ano geralmente apresenta o maior montante de IDP's recebidos, e conforme pode-se observar no Gráfico 3.3, afirma-se que há uma tendência de crescimento no saldo de investimentos diretos no país para o Brasil.

A subconta de outros investimentos, que é a segunda rubrica com maior montante de valor da conta capital e financeira, apresentou valor de US\$ 10,65 bilhões no terceiro trimestre de 2018, valor 41,33% maior que os US\$ 7,54 bilhões apurados no mesmo período de 2017. Os ativos estrangeiros em poder de residentes brasileiros aumentaram 15,56% enquanto os ativos brasileiros em poder dos estrangeiros diminuíram 15,80% levando ao saldo positivo registrado.

Tal aumento teve impacto contrário ao crescimento negativo da conta capital e financeira, devido a grande importância da rubrica de outros investimentos para o balanço de pagamentos do Brasil. Lembrando que, dentre os principais itens dessa rubrica, destacam-se os empréstimos e financiamentos de curto e longo prazo e moeda e depósito.

Outra importante rubrica da conta capital e financeira que apresentou aumento entre os períodos analisados foram os ativos de reservas. No terceiro trimestre de 2018 apurou-se valor de US\$ 3,26 bilhões, significando um aumento percentual de 24,42% frente aos US\$ 2,62 bilhões registrados nos três primeiros meses do segundo semestre de 2017. Dentro dessa subconta há de se destacar a queda de 13,323% na rubrica de direitos sobre outras instituições, que variou de US\$ 118 milhões no segundo trimestre de 2017 para US\$ - 15,63 bilhões no mesmo período de 2018. Por outro lado, em valores absolutos, houve um maior aumento, de 642%, nos títulos de dívida, ações e fundos de investimentos de longo prazo entre os períodos analisados, o que explica a variação positiva da subconta de ativos de reservas.

### 3.1.3 Erros e Omissões

Conforme pode-se observar na Tabela 3.5, no terceiro trimestre de 2018, a conta de erros e omissões apresentou valor de US\$ 1,78 bilhões, o que significa uma queda no fluxo das reservas internacionais, utilizadas para fechar o balanço de pagamentos brasileiro. Tal valor representa uma queda de 35,70% em relação ao mesmo período do ano anterior, quando a diminuição das reservas internacionais foi de US\$ 2,77 bilhões.

Sob outro aspecto, diz-se que houve uma diminuição de US\$ 990 milhões no déficit do balanço de pagamentos do Brasil entre o terceiro trimestre de 2017 e o mesmo período de 2018, o que é positivo para o país.

### 3.2 MERCOSUL

No âmbito do MERCOSUL, a Tabela 3.6 apresenta os valores, em US\$ do que foi importado pelo o Brasil e exportado para os países sócios do bloco econômico. A corrente de comércio entre os quatro países membros somou US\$ 8,92 bilhões, um acréscimo de 2,2% em relação ao terceiro trimestre de 2017. Em relação à Argentina, o Brasil importou 28,2% a mais que o mesmo período do ano anterior e teve uma queda nas suas exportações para esse país da ordem de 24,7%.

**Tabela 3.6 – Balança comercial, MERCOSUL 3T 2017-3T 2018 (Em US\$)**

Países	Importação			Var	Exportação			Var
	3T2018	3T2017	%		3T2018	3T2017	%	
ARGENTINA	3.061.131.904,00	2.388.349.843,00	28,2%	3.439.452.058,00	4.568.756.436,00	-24,7%		
PARAGUAI	305.496.438,00	271.847.109,00	12,4%	843.262.517,00	724.175.989,00	16,4%		
URUGUAI	279.031.965,00	308.377.795,00	-9,5%	995.514.604,00	470.547.029,00	111,6%		
SOMA	3.645.660.307,00	2.968.574.747,00	22,8%	5.278.229.179,00	5.763.479.454,00	-8,4%		

Fonte: MDIC, Séries históricas

Em valores absolutos, as exportações brasileiras para a Argentina, principal parceiro comercial do Bloco, foram de US\$ 3,44 bilhões, enquanto as importações alcançaram a marca de US\$ 3,06 bilhões. O saldo resultante foi de US\$ 378,32 milhões em favor do Brasil. Em relação ao Paraguai, o Brasil aumentou suas importações em 12,4% e suas exportações em 16,4%. Já quanto ao Uruguai, as importações foram reduzidas em 9,5% e as exportações brasileiras para aquele país aumentaram em impressionantes 111,6%.

O saldo positivo para o Brasil no terceiro trimestre de 2018 de US\$ 1,6 bilhões, porém com uma variação negativa de 41,5% frente ao mesmo período de 2017.

No entanto, sendo a Argentina o principal parceiro do Bloco, o saldo final do comparativo entre os trimestres de 2017 e 2018 indica um aumento das importações de produtos do Bloco procedentes do

Brasil em 22,8% e um decréscimo de 8,4% das exportações brasileiras para os parceiros do MERCOSUL.

### 3.3 RESERVAS INTERNACIONAIS

As reservas internacionais são os recursos mantidos pelo Banco Central em moeda estrangeira, que geram ao país a capacidade de financiar diretamente desequilíbrios do balanço de pagamentos, intervir no mercado financeiro em casos de crises, garantindo assim liquidez, além de reduzir a exposição do país a oscilações cambiais.

Sendo medidas por meio de dois conceitos, caixa e liquidez. A diferença na análise de ambas remete a inclusão do saldo de linhas com recompra e o saldo de empréstimos em moeda estrangeira contabilizados no conceito de liquidez.

No período de análise as reservas no conceito caixa tiveram uma redução 0,13% em relação ao mesmo período de 2017, somando em valores monetários US\$ 380.7 bilhões, contra US\$ 381.2 bilhões do ano anterior.

As reservas no conceito liquidez apresentaram saldo de US\$ 382,8 bilhões, enquanto no mesmo período de 2017 o saldo somava US\$ 381,2 bilhões, implicado em um aumento de 0,43%. Dentre os indicadores macroeconômicos que afetam diretamente o estoque de reservas, se destacam o comportamento das exportações e importações, além da taxa de câmbio dólar/real.

Em setembro de 2018, as transações correntes foram superavitárias em US\$ 32 milhões, o superávit foi favorecido pelo saldo comercial positivo em US\$ 4,6 bilhões. Em uma análise detalhada das operações externas (Banco Central e Tesouro), as receitas com remuneração das reservas do trimestre equivaleram a US\$ 0,6 bilhões. As demais variações, por preço reduziram o estoque em US\$ 1,5 bilhões e por paridade em US\$ 0,4 bilhões, totalizando uma redução de US\$ 0,6 bilhões. O saldo de linhas com recompra totalizaram US\$ 2,2 bilhões.

Apesar das expectativas de melhoras da atividade econômica sustentadas por um cenário propício no início do primeiro semestre do ano, já em fins de março o mercado sinalizava o direcionamento hostil do setor externo, impactando principalmente os países emergentes, com alta do dólar, do petróleo e uma maior aversão ao risco de se investir em países emergentes devido a intensa depreciação cambial verificada nesses países.

A depreciação cambial apesar de gerar ganhos no montante das reservas, já que 89,13% são alocadas em dólares americanos, no longo prazo provocam desequilíbrios internos ao afetar o nível dos preços através do repasse cambial, além de gerar perdas através dos cupons cambiais pagos nas operações de swaps utilizadas pelo Banco Central

como medida para evitar oscilações cambiais malélicas para a atividade econômica. As maiores perdas no trimestre decorrentes das operações de swaps foram auferidas no mês de agosto, quando o dólar esteve cotado em R\$ 4,13, resultando em perdas correspondentes a R\$ 28,6 bilhões.

**Tabela 3.7 - Fluxos das Reservas Internacionais do Brasil IIIT 2017/ IIIT 2018 (US\$ milhões).**

Discriminação	IIIT 2017	IIIT 2018
Posição das reservas no período anterior	381.843	381.393
1. Intervenções do Banco Central	-	-
2. Operações externas (Banco Central e Tesouro)	-599	-655
Serviço da dívida (líquido)	340	684
Desembolsos	10	63
Amortizações	-	-
Juros	330	622
Remuneração das reservas	330	622
Outras variações	-940	-1.339
Variações por preço	-965	-1.468
Variações por paridades	-63	-40
Demais <sup>2/</sup>	88	170
3 Liquidações do Tesouro Nacional (mercado)	-	-
Variação total (1+2+3)	-599	-655
Posição das reservas – conceito caixa	381.244	380.738
Saldo de linhas com recompra	-	2.150
Saldo de empréstimos em moeda estrangeira	-	-
Posição das reservas – conceito liquidez <sup>3/</sup>	381.244	382.888

Fonte: Banco Central do Brasil, 2018.

### 3.3.1 INDICADORES DE SOLVENCIA EXTERNA

Apesar do cenário econômico desfavorável, o grande volume de reservas internacionais mantidos pela autoridade monetária tem propiciado uma espécie de seguro, garantindo solvência externa ao país, aumentando sua resiliência a choques que reduzam a liquidez internacional.

**Tabela 3.8 - Indicadores de Solvência externa.**

Indicadores	IIIT 2017	IIIT 2018
Reservas (liquidez) / dívida total (%)	119,7	123,9
Reservas / Dívida de C.P. %	388,2	375,2
Reservas (liquidez) / serviço da dívida (razão)	3,2	3,3
Reservas (liquidez) / juros (razão)	25,4	27,5

Fonte: Banco Central do Brasil, 2018.

Em relação aos indicadores de solvência externa, que avaliam a capacidade do país em cumprir com seus compromissos externos, observa-se que as reservas líquidas, foram correspondentes a 123,9% da dívida total, implicando em melhoras do indicador em relação ao mesmo período de 2017,

quando correspondiam a 119,7%, porém, em relação ao indicador da dívida de curto prazo, verifica-se uma visível piora no índice, que fechou o terceiro trimestre em 375,2% contra 388,2% no mesmo período de 2017, implicando em um aumento das dívidas de curto prazo.

### 3.4 TAXAS DE CÂMBIO

#### Euro

O dinamismo na região do euro continua robusto, com a demanda interna amparada pela política monetária acomodatória, com o mercado de trabalho próspero, sustentado por ganhos em termos de emprego e aumento dos salários.

**Tabela 3.9 - Cotações dólar/euro no Brasil e nos EUA no período de janeiro/2017 a setembro/2018.**

Período	Dólar	Euro	Paridade (euro/dólar)	NY	
2017	Janeiro	3,1264	3,3743	1,0793	1,0635
	Fevereiro	3,0987	3,2741	1,0566	1,0650
	Março	3,1678	3,3883	1,0696	1,0691
	Abril	3,1978	3,4834	1,0893	1,0714
	Maió	3,2431	3,6436	1,1235	1,1050
	Junho	3,3076	3,7736	1,1409	1,1233
	Julho	3,1301	3,7010	1,1824	1,1530
	Agosto	3,1465	3,7415	1,1891	1,1813
	Setembro	3,1674	3,7410	1,1811	1,1913
	Outubro	3,2763	3,8126	1,1637	1,1755
	Novembro	3,2610	3,8819	1,1904	1,1743
	Dezembro	3,3074	3,9672	1,1995	1,1836
2018	Janeiro	3,1618	3,9383	1,2456	1,2197
	Fevereiro	3,2443	3,9564	1,2195	1,2340
	Março	3,3232	4,0829	1,2286	1,2334
	Abril	3,4805	4,2020	1,1665	1,1823
	Maió	3,7364	4,3585	1,1675	1,1679
	Junho	3,8552	4,5009	1,1705	1,1706
	Julho	3,7543	4,3944	1,1705	1,1706
	Agosto	4,1347	4,7942	1,1595	1,1596
	Setembro	3,7171	4,6518	1,2515	1,1622

Fonte: Banco Central do Brasil e Federal Reserve Bank of St. Louis, 2018.

Apesar dos resultados referentes à taxa de crescimento do PIB real para o 3º trimestre terem aumentado em apenas 0,2%, após ter registrado um aumento de 0,4% nos dois trimestres anteriores, os dados ainda são considerados como globalmente equilibrados, considerando as projeções, que indicam certa resiliência futura, em reflexo ao cenário político externo marcado pelo crescente protecionismo, as vulnerabilidades dos países emergentes e a alguns fatores específicos de certos países e setores do bloco.

No mercado cambial, o euro registrou um acentuado fortalecimento, a taxa efetiva nominal medida face às moedas dos seus 38 principais parceiros comerciais, o euro obteve uma apreciação de 3,3%, embora tenha se depreciado em relação ao dólar (1,2%) e ao franco suíço (2,7%), a forte apreciação se deu em termos gerais em relação aos países emergentes, entre estes o Brasil.

No Brasil, para o terceiro trimestre de 2018 a taxa de câmbio real/euro manteve a tendência de depreciação iniciada em março, encerrando o trimestre cotado em R\$ 4,6518, a depreciação no trimestre foi de 3,35% na comparação com o trimestre anterior, no mesmo período de 2017, o euro estava cotado em R\$ 3,7410, somando uma depreciação de 24,34 %.

Para o mercado financeiro, embora os lucros empresariais ainda permaneçam crescentes, as incertezas geopolíticas e o aumento da volatilidade em alguns mercados emergentes se refletiram em baixa nas cotações das ações e das obrigações das sociedades financeiras, oscilações também marcaram especificamente o contexto do mercado financeiro da Itália, com certa volatilidade nos diferenciais da dívida pública, porém as taxas de longo prazo na zona do euro permanecem isentas de risco.

## Dólar

No final do terceiro trimestre do ano de 2018 a taxa de câmbio nominal real/dólar fechou cotada a 4,0033 contra 3,1674 no final de setembro de 2017, tendo uma depreciação de 26,39%. A taxa de câmbio efetiva real calculada pelo BACEN (ano base 1994 =100) encerrou o mês de setembro com o índice de 113,86 tendo também uma depreciação de 19,98% em relação a setembro de 2017 quando fechou o terceiro trimestre com índice de 94,9.

Em comparação ao trimestre anterior, a taxa de câmbio real/dólar apresentou uma ligeira depreciação de 3,84% quando encerrou o segundo trimestre cotada a 3,8552. O mesmo ocorreu com a taxa efetiva real, apresentando uma depreciação de 5,11%. Na tabela 3.10 é possível ver além da taxa de câmbio nominal e real no encerramento de cada mês, a variação mensal.

Essa oscilação do real frente ao dólar ocorre por motivo tanto internos quanto externo, sendo que no cenário interno se tem como principal motivação em um ano de eleições presidenciais, a concorrência presidencial, que dependendo da ideologia adotada pelos políticos a frente das pesquisas atrai investidores ou os espantam, no Brasil as votações ocorrem no mês de outubro, sendo que geralmente as principais pesquisas ocorrem com mais frequência nos meses de setembro. Agregando o cenário interno, as propostas de reformas (trabalhista, previdenciária...) quando não estavam paradas na mesa de negociação, não se mostrava uma convergência

na sua concepção, trazendo insegurança aos investidores.

**Tabela 3.10 - Evolução da taxa de câmbio nominal e real de Janeiro/2017 a Setembro/2018**

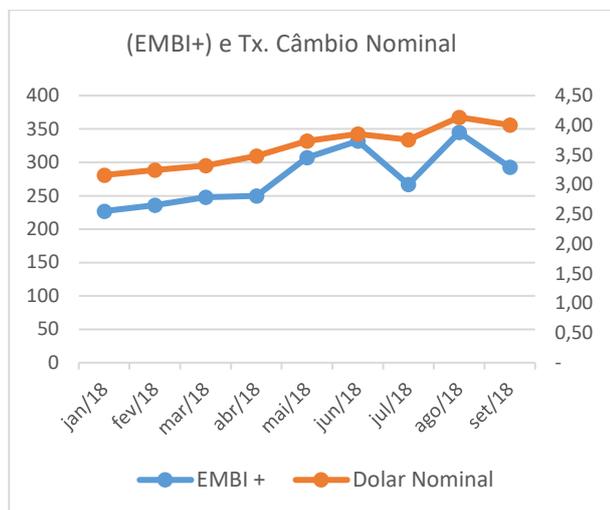
		Taxa de Câmbio Nominal	Variação Mensal %	Taxa de Câmbio Efetiva Real	Var. Mensal %
2017	Janeiro	3,1264	-4,05	90	-4,86
	Fevereiro	3,0987	-0,89	88,6	-1,56
	Março	3,1678	2,23	89,2	0,68
	Abril	3,1978	0,95	90,4	1,35
	Maior	3,2431	1,42	92,6	2,43
	Junho	3,3076	1,99	96,1	3,78
	Julho	3,1301	-5,37	94,5	-1,66
	Agosto	3,1465	0,52	94,6	0,11
	Setembro	3,1674	0,66	94,9	0,32
	Outubro	3,2763	3,44	95,36	0,48
	Novembr	3,2610	-0,47	97,37	2,11
	Dezembr	3,3074	1,42	98,94	1,61
2018	Janeiro	3,1618	-4,40	97,24	-1,61
	Fevereiro	3,2443	2,61	99,73	2,43
	Março	3,3232	2,43	100,42	0,71
	Abril	3,4805	4,73	104,52	4,08
	Maior	3,7364	7,35	107,67	3,01
	Junho	3,8552	3,18	108,32	0,60
	Julho	3,7543	-2,62	109,38	0,98
	Agosto	4,1347	10,13	111,21	1,67
	Setembro	4,0033	-3,18	113,86	2,38

Fonte: BCB, Média ano, 1994 = 100.

Em relação ao cenário externo o FED aumentou a taxa de juros básica dos EUA no final do terceiro trimestre, o que ocasiona a saída de dólares do Brasil, para investimentos nos EUA, principalmente em títulos públicos, apesar da taxa de juros básica nominal americana (2,5%) ser inferior a taxa brasileira-Selic (6,5%), ela é considerada uma das mais seguras para investimentos.

Corroborando a este cenário o presidente americano Donald Trump ameaça a todo momento aumentar tarifas de importação, principalmente de produtos oriundos da china, esta por sua vez também faz suas retaliações ameaçando as importações de origem dos EUA, caso isto ocorresse, haveria uma queda drástica no comércio internacional pressionando uma alta na moeda americana.

O risco-país (EMBI+) foi gradativamente subindo ao longo do ano, tendo seus piores meses durante o segundo e terceiro trimestre de 2018, de forma que iniciou o ano com 234 pontos, e no segundo dia de julho apresentava 331, porém essa diferença foi reduzida ao final de setembro, fechando o mês com 293 pontos, no gráfico 3.4 é possível verificar que a taxa de câmbio nominal está correlacionada ao risco-país.



**Gráfico 3.4 – Risco país e taxa de câmbio**

Fonte: IPEA - DATA (2018) – Elaboração própria.

Em relação as movimentações do câmbio, o 3º trimestre iniciou com saldo positivo em US\$ 4,559 bilhões na posição de câmbio dos bancos, que se refere ao mercado primário e as movimentações com o Banco Central. Porém no acumulado de setembro houve a inversão do saldo chegando ao saldo negativo de US\$ 5,876 bilhões.

**Tabela 3.11 - Mercado primário de câmbio, Janeiro 2017/Dezembro 2018 (US\$ bilhões)**

	Movimento de Câmbio			Posição de Câmbio	Var posição	Saldo BC
	Comercial	Financeiro	Saldo			
jan/17	2,07	1,60	3,66	-20,693	-0,16	0,01
fev/17	3,56	-8,14	-4,57	-25,272	0,22	0,85
mar/17	8,55	-5,67	2,88	-21,925	-0,13	1,15
abr/17	6,76	2,31	9,07	-12,814	-0,42	3,85
mai/17	5,97	-5,22	0,74	-12,453	-0,03	0,15
jun/17	4,63	-8,93	-4,30	-16,277	0,31	0,00
jul/17	3,06	-5,71	-2,65	-18,797	0,15	1,20
ago/17	4,49	-5,19	-0,70	-19,374	0,03	0,00
set/17	2,61	-0,06	2,55	-16,966	-0,12	0,00
out/17	3,15	0,76	3,91	-13,189	-0,22	0,00
nov/17	1,81	-2,44	-0,64	-13,90	0,05	0,00
dez/17	6,27	-15,60	-9,33	-23,30	0,68	-8,00
jan/18	2,54	5,53	8,06	-15,056	-0,35	0,00
fev/18	3,36	-4,82	-1,45	-16,585	0,10	3,00
mar/18	6,53	-10,47	-3,94	-20,574	0,24	1,50
abr/18	7,64	6,76	14,39	-6,337	-0,69	1,50
mai/18	6,88	-5,13	1,75	-4,962	-0,22	2,00
jun/18	2,82	0,89	3,71	-1,368	-0,72	-2,93
jul/18	1,13	4,77	5,90	4,559	-4,33	0,00
ago/18	5,55	-9,80	-4,25	0,160	-0,96	0,78
set/18	0,60	-6,73	-6,14	-5,876	-37,75	0,00

Fonte: Banco Central do Brasil.

<sup>1</sup> posição comprada (+), posição vendida (-)

<sup>2</sup> variação positiva indica aumento da posição comprada

O que contribuiu de fato para o saldo negativo das movimentações foram as movimentações financeiras que somaram saldo negativo de US\$ 6,73 bilhões, em uma análise detalhada, o setor de serviço e rendas primárias e secundárias somam US\$ 4,71 bilhões representando mais de 50% do saldo negativo de setembro. Em relação aos swaps cambiais, o governo fez a rolagem integral, correspondendo ao resgate total (US\$ 21,4 bi) dos contratos

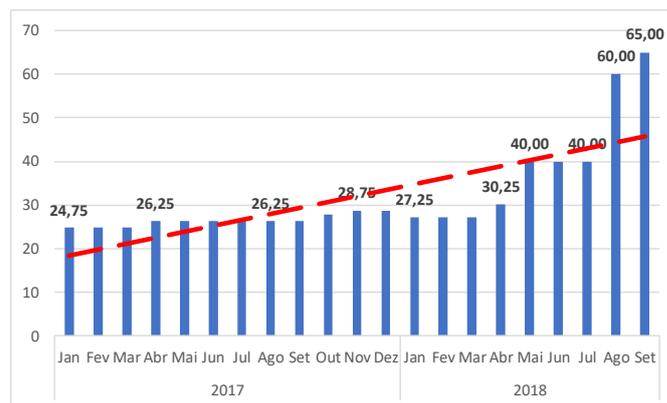
com vencimentos a época, da mesma forma, e praticamente no mesmo montante, o governo fez também a colocação de novos contratos cambiais (US\$ 21,7 bi).

A grande preocupação do Banco Central com relação as variações cambiais é o possível impacto na inflação através do repasse cambial (pass-through), ou seja, a depreciação do real frente ao dólar ser repassado ao preço do produto, ocasionando um aumento na inflação. Isso pode ocorrer pelo fato do aumento da competitividade do mercado interno em relação ao internacional, o que aumenta as exportações e gera escassez de produtos no mercado interno.

### 3.5 PRINCIPAIS PARCEIROS

#### 1. ARGENTINA

O terceiro trimestre de 2018 trouxe um panorama sombrio sobre a economia argentina. Os principais eventos econômicos internacionais do segundo trimestre, a saber: a disputa comercial entre Estados Unidos e China, bem como a crise cambial na Turquia e a instabilidade política e econômica brasileira colocaram a Argentina no centro das preocupações dos mercados. Os indicadores macroeconômicos, em sua maioria, tiveram uma piora sensível. A começar pelo nível na taxa de juros que alarmou o mercado para um possível default da dívida. Ao final de julho os Lebac (Letras do Banco Central), que eram negociados a taxas de 40%, passaram a ser negociados com taxas de 60% e 65%, respectivamente aos meses de agosto e setembro.



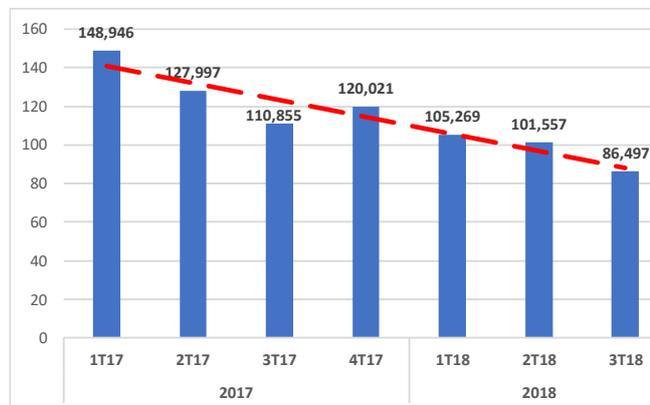
**Gráfico 3.5 – Taxas de juros na Argentina 2017-3T 2018**

Fonte: Gerencia de Estadísticas Monetárias/BCRA

A esse contexto internacional adverso, somaram-se a pior seca nos últimos 50 anos, impactando sobremaneira a agricultura e, a desconfiança dos agentes econômicos quanto às decisões do governo de Mauricio Macri na condução da política econômica, em especial a adoção de um gradualismo na política de redução do desequilíbrio fiscal, o que provocou desconfiança nos investidores. Outro erro do governo foi apostar na abertura da economia em um momento que os principais atores do

comércio mundial – China e EUA, iniciavam uma política protecionista.

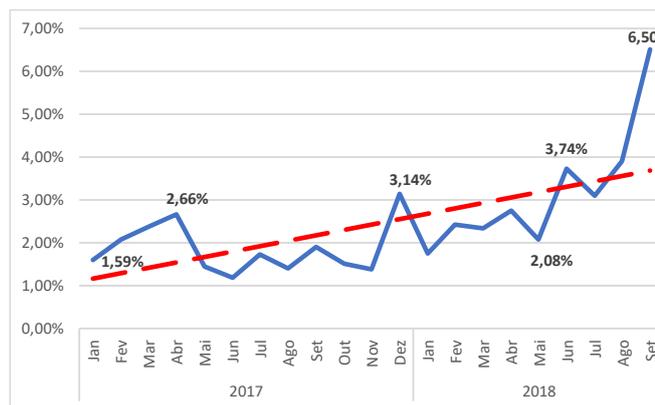
O produto interno bruto (PIB) argentino outra vez voltou a apresentar queda, com uma variação negativa de 14,8% respectivamente ao trimestre anterior, porém uma queda ainda maior, de 22%, quando comparado ao mesmo período de 2017. A linha de tendência indica claramente esta queda por quatro trimestres seguidos.



**Gráfico 3.6 – Evolução do PIB da Argentina 2017-3T 2018, em US\$ milhões.**

Fonte: [countryeconomy.com/World Bank](http://countryeconomy.com/World Bank)

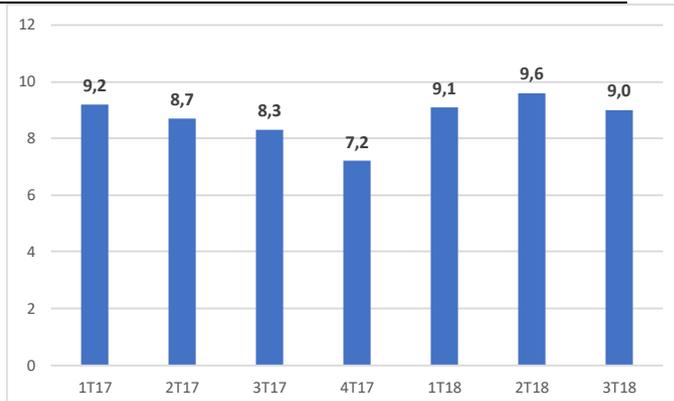
Os preços continuaram a registrar aumentos e a inflação do mês de setembro/18 acusou um pico de 6,5%.



**Gráfico 3.7 – Inflação, Argentina 2017-3T 2018.**

Fonte: Índice de Precios al Consumidor/INDEC

Outro indicador significativo foi a taxa de desemprego que apresentou uma ligeira melhora com respeito ao trimestre imediatamente anterior, mas continuou em alta diante do comparativo com o mesmo período de 2017.

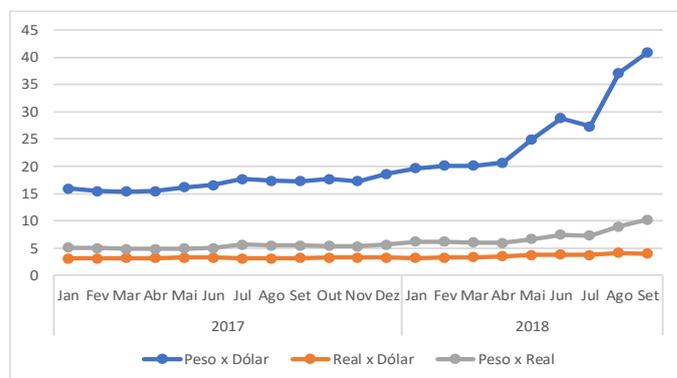


**Gráfico 3.8 – Desemprego, Argentina 2017-3T 2018.**

Fonte: INDEC – Encuesta Permanente de Hogares

Estes dois indicadores, inflação e desemprego, trazem graves reflexos sobre o país, que vê aumentar os níveis de pobreza. Em setembro de 2018 considerava-se que 27,3% da população estava em situação de pobreza e, destes, 4,9% estavam com dificuldades para comprar comida. Ainda no mês de setembro de 2018, as centrais sindicais do país organizaram uma greve geral em bancos, postos de gasolina e mercados, sendo esta a quarta greve que atinge o atual governo.

O câmbio foi outra variável macroeconômica que trouxe um susto significativo para os argentinos. A moeda americana, que até o final de junho já apresentava uma apreciação de 43% desde março frente ao peso argentino, teve outro salto no terceiro trimestre de 2018 e apreciou-se em mais 41%. Em uma economia em que o dólar americano faz o papel de divisa para poupança, percebe-se o quanto os argentinos viram sua moeda se depreciar.



**Gráfico 3.9 – Taxas de câmbio, Argentina e Brasil 2017-3T 2018**

Fonte: BCRA e Banco Central do Brasil

O gráfico 3.9 ilustra esta situação. Para tentar conter essa depreciação acelerada o governo argentino conseguiu um acordo com o Fundo Monetário Internacional para um empréstimo de US\$ 50 bi-

lhões, depois ampliado para US\$ 57,1 bilhões. Também se verificou a depreciação do peso argentino frente ao real nos mesmos períodos: desde março até junho o real ficou 23% mais caro e entre junho e setembro a apreciação do real frente ao peso foi de 36,5%. Percebe-se que, no comparativo entre o real e o dólar, ainda que a moeda americana tenha provocado sobressaltos desde a greve dos caminhoneiros no Brasil e a campanha eleitoral a variação não foi tão intensa. O gráfico 3.9 apresenta esta evolução.

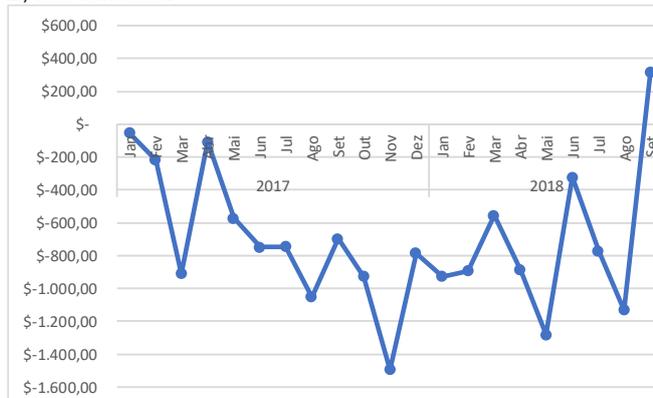
O investimento estrangeiro direto (IED) continuou sua franca recuperação, apresentando uma variação positiva de 27,5% no comparativo entre os mesmos trimestres de 2017 e 2018 e de 8,3% entre o terceiro trimestre e segundo trimestre de 2018. Houve um acréscimo de US\$ 616,77 milhões a mais de investimentos estrangeiros diretos na economia argentina no período de julho a setembro de 2018.



**Gráfico 3.10 – Investimentos estrangeiros diretos, Argentina 2017-3T 2018.**

Fonte: Trading Economics (pt.tradingeconomics.com)

Quanto à balança comercial, quando analisados os agregados trimestrais verifica-se que ainda se encontra deficitária. No terceiro trimestre de 2018 o déficit foi de US\$ 1,59 bilhões, enquanto no mesmo período de 2017 somou um déficit de US\$ 2,495 bilhões.



**Gráfico 3.11 – Balança comercial, Argentina 2017-3T 2018**

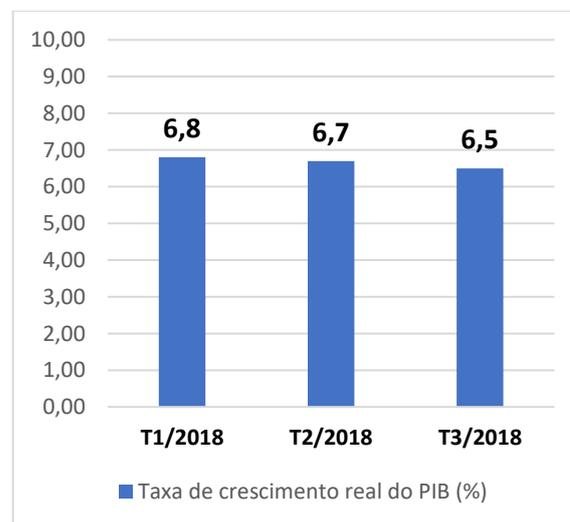
Fonte: INDEC, Intercambio comercial argentino, série histórica

Em relação ao MERCOSUL, no terceiro trimestre de 2018 a Argentina também apresentou um déficit de US\$ 663 milhões no saldo da balança comercial com o bloco econômico e os agregados de exportação e importação foram, respectivamente, de US\$ 3,765 bilhões e US\$ 4,428 bilhões. Em que pese esse resultado, verificou-se uma melhora em relação ao terceiro trimestre do ano anterior, com a redução do déficit na balança comercial com o MERCOSUL em 32,5%, e em relação ao 2º trimestre uma redução de 67,6%.

## 2 CHINA

No terceiro trimestre de 2018, a economia chinesa apresentou crescimento de 6,5% de seu PIB em comparação com o terceiro trimestre de 2017. Durante o período, o setor terciário apresentou crescimento de 7,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, já os setores primário e secundário apresentaram crescimento de 3,4% e 5,8%, respectivamente.

O governo chinês focou em estimular o consumo interno, especialistas acreditam que o governo estuda diminuir as taxas de juros para a classe média chinesa.

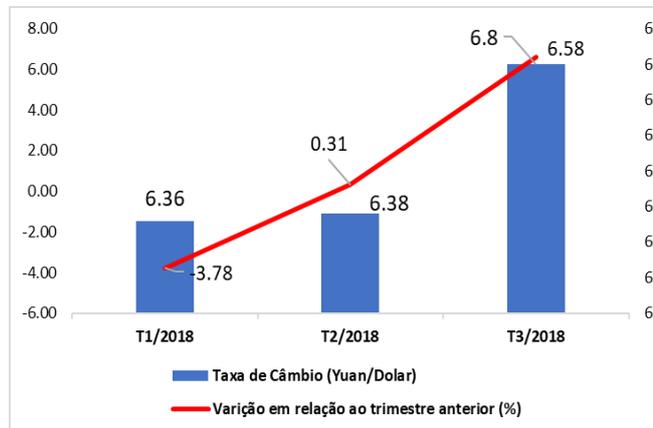


**Gráfico 3.12: Crescimento real do PIB chinês 2018 em comparação com o mesmo período do ano anterior.**

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do NBS e FRED, 2019

Apesar da intensificação dos embates comerciais com os EUA, com a aplicação de tarifas sobre produtos chineses em julho, o comércio internacional chinês apresentou números positivos.

As exportações registraram um aumento de 6,5% em relação ao terceiro trimestre de 2017 e as importações 11,76%, resultando em uma queda de 28,3% do saldo da balança comercial chinesa.



**Gráfico 3.13 – Evolução trimestral da taxa de câmbio (Yuan/Dólar).**

Fonte: Elaboração própria, dados do FRED, 2019

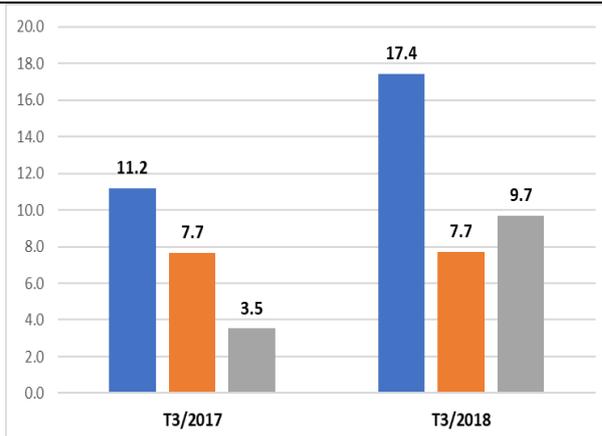
De acordo com o gráfico, o yuan registrou uma desvalorização face ao dólar de 6,58% em relação ao trimestre anterior e de 1,9% em relação ao terceiro trimestre de 2019.

No terceiro trimestre de 2018, o IPC chinês registrou um aumento de 2,1%, consequência, principalmente, do aumento do preço do combustível, dos produtos alimentícios e dos planos de saúde.

## 2 RELAÇÃO BILATERAL ENTRE CHINA E BRASIL.

No terceiro trimestre de 2018, em comparação com o mesmo período do ano anterior, as exportações brasileiras para a China cresceram em torno de 55%, já as importações 0,6%, resultando em um aumento do saldo da balança comercial de 175%.

Esse cenário foi consequência do aumento das exportações brasileiras de commodities agrícolas e minerais, tais como soja, petróleo em bruto, minério de ferro, celulose, carne bovina, ferro ligas, carne de frango, algodão em bruto, entre outros.



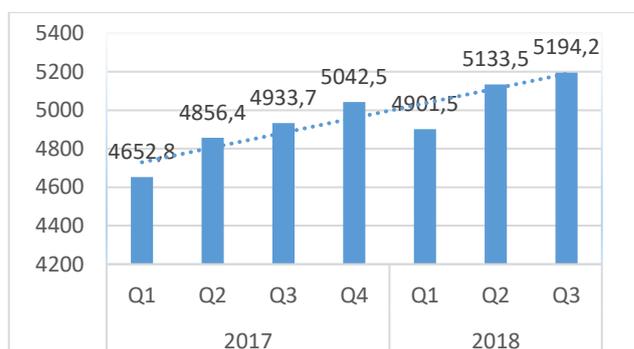
**Gráfico 3.14 - Balança comercial entre Brasil e China, valores em bilhões de dólares.**

Fonte: Elaboração própria, dados do MDIC, 2019

O boletim de investimentos estrangeiros (2018) divulgou que, para o terceiro trimestre de 2018, os investimentos chineses no Brasil divulgados pelas empresas totalizaram US\$ 26.3 milhões de dólares.

## 3 Estados Unidos

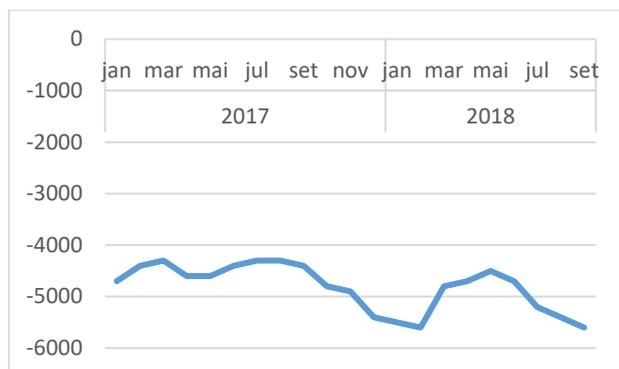
O PIB americano foi de US\$5,19 trilhões de dólares no 3º trimestre de 2018 em comparação com US\$ 4,93 trilhões de dólares em 2017. Ou seja, houve um aumento considerável do PIB nesse período de 5,28%. Esse aumento se explica pelo consumo das famílias e os gastos do governo.



**Gráfico 3.15: Desempenho do PIB**

Fonte: Bea.

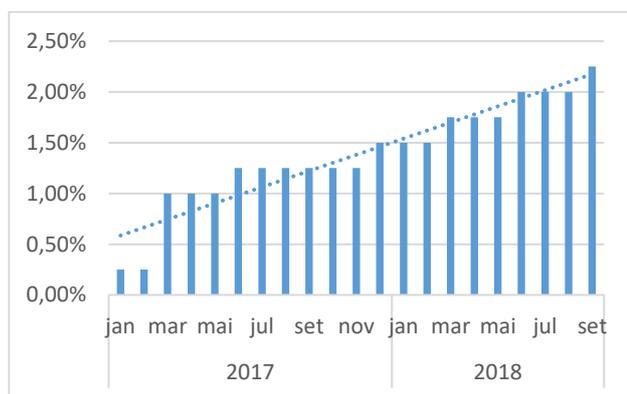
A balança comercial americana teve aumento no déficit em 24,6% no 3º trimestre de 2018 em comparação com o 3º trimestre de 2017. Devido à queda nas exportações em 1,9% e aumento nas importações em 2,1%.



**Gráfico 3.16: Balança Comercial dos EUA**

Fonte: Trading Economics.

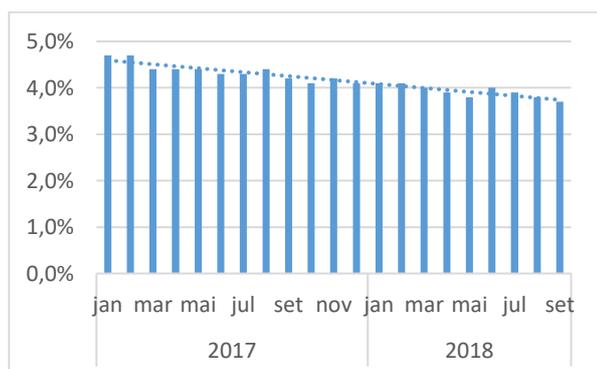
O Sistema Federal de Reservas dos Estados Unidos (Fed) aumentou significativamente os juros no 3º trimestre de 2018 entre 2% e 2,25% com a justificativa de que os cortes nos impostos e os gastos do governo impulsionariam a economia, vindo de uma taxa de 1,25% no 3º trimestre de 2017.



**Gráfico 3.17: Taxa de Juros dos EUA**

Fonte: Bea.

A taxa de desemprego dos Estados Unidos registrou a maior queda em 18 anos no 3º trimestre de 2018. Esse número chegou a 3,8%. Em comparação com uma taxa de 4,2% a 4,4% no 3º trimestre de 2017. Essa queda na taxa de desemprego se explica pelo crescimento da economia americana.



**Gráfico 3.18: Taxa de Desemprego dos EUA**

Fonte: Trading Economics.

## RELAÇÃO ECONÔMICA EUA-BRASIL

No 3º trimestre de 2018 houve foco nas exportações de aviões em 5,9%. Outro setor importante foi o de máquina e aparelhos de terraplanagem com 3,6% de exportações. As importações apresentaram destaque nos setores de óleos combustíveis em 18%. Em comparação com o 3º trimestre de 2017 que exportou 8,1% em aviões e importou 18% em óleos combustíveis.

A balança comercial teve déficit de US\$2,3 bilhões de dólares em 2018 em comparação com o superávit de US\$ 2,68 bilhões em 2017. As Importações foram de US\$ 28,97 bilhões em 2018 em comparação com US\$ 24,85 bilhões de 2017. Já as exportações foram de US\$ 28,7 bilhões em 2018 em comparação com US\$ 26,87 bilhões em 2017.

## Referências Bibliográficas

BOLETIM ECONOMICO DO BANCO CENTRAL EUROPEU. Frankfurt, Alemanha: BCE, nº6, setembro 2018. Disponível em: <<https://www.ecb.europa.eu/ecb/html/index.pt.html>> Acesso em: 24 abr. 2019.

BOLETIM MACRO IBRE. Rio de Janeiro: FGV IBRE, outubro 2018. Disponível em: <<https://portalibre.fgv.br>> Acesso em: 10 nov. 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL, **Sistema Gerenciador de Séries Temporais**, 2019. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>

**BACEN:** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/Infecon/SeriehistFluxoInvDir.asp>>.

ESTATISTICAS DO SETOR EXTERNO – NOTA PARA IMPRENSA. Brasília: BACEN, outubro 2018. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br>> Acesso em: 10 jan. 2019.

**FEDERAL RESERVE BANK:** Disponível em: <[https://www.federalreserve.gov/releases/h10/hist/dat00\\_ch.htm](https://www.federalreserve.gov/releases/h10/hist/dat00_ch.htm)>.

FEDERAL RESERVE OF ST. LOUIS, **FRED Data**, 2019. Disponível em: <<https://fred.stlouisfed.org/>>

**HORA DO POVO:** Disponível em: <<http://horadopovo.org.br/author/horadopovo/>>. Acesso em 27/04/2018 às 10:00 horas.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, **Boletim de Investimentos Estrangeiros**, 2018. Disponível em: <[http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/boletim-de-investimentos-estrangeiros/arquivos/boletim-de-estrangeiros-paises-selecionados\\_no-06\\_2018.pdf](http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/boletim-de-investimentos-estrangeiros/arquivos/boletim-de-estrangeiros-paises-selecionados_no-06_2018.pdf)>

MDIC. MINISTÉRIO DA ECONOMIA INDÚSTRIA COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS.

**MDIC**. 2019. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 8 maio 2019.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS, **Comex Stat**, 2019. Disponível em: <<http://comex-stat.mdic.gov.br/pt/home>>

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS, **exportações em 2018 alcançam o maior valor nos últimos 5 anos, 2018**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/micro-e-pequenas-empresa/61-noticias/3777-exportacoes-em-2018-alcancam-o-maior-valor-dos-ultimos-5-anos>>

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA, **NBSC Annual Data**, 2019. Disponível em: <<http://www.stats.gov.cn/englis/Statisticaldata/AnnualData/>>

NEGÓCIOS, Pequenas Empresas e Grandes. **Alta de 0,8% no PIB do 3º tri ante 2º tri é a maior desde o 1º tri de 2017**: A alta de 6,6% na formação bruta de capital fixo (FBCF, os investimentos no PIB) foi destaque. 2018. Elaborado por Estadão Conteúdo. Disponível em: <<https://revista-pegm.globo.com/Negocios/noticia/2018/11/alta-de->

08-no-pib-do-3-trimestre-ante-2-trimestre-e-maior.html>. Acesso em: 05 maio 2019.

NONNENBERG, Marcelo José Braga et al. **Carta Conjuntura**: Seção V - Setor Externo. 40. ed. Brasília: Editora Ipea, 2018. 14 p. Disponível em: <[http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/180914\\_cc\\_40\\_setor\\_externo.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/180914_cc_40_setor_externo.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2019.

PRICEWATERHOUSECOOPERS (PWC) CHINA, **China economic quarterly Q3 2018**, 2018. Disponível em: <<https://www.pwccn.com/en/research-and-insights/publications/ceq-q3-2018/china-economic-quarterly-dec-2018.pdf>>

RIBEIRO, Mariana; SABINO, Marlla. **Nos Últimos Anos, Brasil Se Tornou O Principal Beneficiário Dos Empréstimos Chineses**. Poder 360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/desde-2005-china-emprestou-us-150-bilhoes-a-america-latina/>>. Acesso em: 03/05/2018 às 15:00 horas.

**SANTANDER**: Disponível em: <<https://pt.portal.santandertrade.com/internacionalize-se/china/fluxos-de-ied-2>>.

**TRADING ECONOMICS**: Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/china/indicators>>.

**UNCTAD**: Disponível em: <<http://unctad.org/en/Pages/Home.aspx>>.

**World Bank**: Disponível em: <[https://data.worldbank.org/indicator/BX.KLT.DINV.CD.WD?name\\_desc=false&view=chart](https://data.worldbank.org/indicator/BX.KLT.DINV.CD.WD?name_desc=false&view=chart)>.